

Nióbio

"Nióbio" estreou a 7 de junho de 2012 no Centro Cultural Vila Flor em Guimarães, numa co-produção com Guimarães 2012 - Capital Europeia da Cultura, com a seguinte ficha artística:

Texto e Direção: Ana Vitorino, Carlos Costa

Cenografia e Figurinos: Inês de Carvalho

Banda Sonora Original e Sonoplastia: João Martins

Desenho de Luz: José Carlos Coelho

Co-criação: Ana Azevedo

Interpretação: Ana Azevedo (B), Ana Vitorino (A), Carlos Costa (C), Pedro Carreira (E) e *ainda* João Martins (D)

Projeto Fotográfico: Paulo Pimenta

Grafismo: Manufactura Independente

Coordenação Técnica: Luís Ribeiro

Produção Executiva: Marina Freitas

Assistência de Produção: Helena Madeira

Co-produção Visões Úteis / Guimarães 2012 – Capital Europeia da Cultura



Este texto está sujeito a uma licença **Creative Commons - Atribuição - Uso Não Comercial - Compartilhamento pela mesma licença 3.0 Portugal**. Por favor utilize, partilhe e transforme para fins não comerciais. Mas credite sempre o original e partilhe as obras derivadas do mesmo modo.

O diabo é o aborrecimento, ou a vida em Nióbio

JOSÉ ALBERTO FERREIRA

Começar com um título roubado a Peter Brook é uma responsabilidade. Admito. Há coisas que têm de ser como são, e a vida em Nióbio não escapa a essa redonda regra. O aborrecimento, pois, tomado a Brook a partir de Nióbio.

Em Nióbio, o aborrecimento é proibido. Nesta nação jovem mas orgulhosa da sua história, da sua identidade, da sua produção de bens e serviços, da mais cerimoniosa ‘merda *gourmet*’ aos êxitos musicais, às atracções turísticas e ao teatro, tudo concorre vivamente para contrariar o aborrecimento. Falta de espaço? Não (nos) aborreça, invente um império e trace você mesmo os seus ilimitados limites. Debilidades do Produto Interno Bruto? Empreenda, sem aborrecimentos. Venda o que não tem, faça os impossíveis para agradar, promova radicalmente desportos, anime salas cheias com truques de magia, vai ver o PIB crescer com as receitas do Mandrake! E em tudo o resto (há ainda um resto, sim), seja um niobiano de gema, lembre-se que o diabo é o aborrecimento!

Este povo alegre e inventivo trata de forma especial a ‘coisa pública’. Sem aborrecimento, mas ainda assim com o diabo à perna, pois a ‘coisa pública’ tem regras e tempos e mecanismos e parasitas e nada disso pode parar. Casamentos e espectáculos limpam a coisa pública e, ainda quando a deixem suja, impedem o aborrecimento, num país que inventa a sua história e se reinventa na crise da economia criativa e na batalha do PIB que há-de vir. Porque as nações têm futuro e os planos de negócios geram riqueza salvífica (pelo menos a de quem faz planos). O que se garante em Nióbio é, em qualquer caso, ausência total do proibido aborrecimento.

Visto de fora, Nióbio também não é um país aborrecido. Olhamos para ele e, enquanto espectadores, descobrimos a rareza da sua gestão, a alegria da sua história e o prazer de ver soluções onde o resto do mundo, aborrecidamente, as não encontra. Soluções radicais, patrimoniais, políticas. Qual crise, qual quê! Os niobianos sabem como resolver, sem sacrifícios escusados nem aborrecidas negociações com a *troika*. Como uma nova ilha da utopia.

Tem o nosso país políticos corruptos e promiscuidades várias? A dívida portuguesa parece uma rosca-sem-fim e os nossos políticos promovem uma cultura da pobreza, seriamente aborrecida, com cortes de toda a ordem? Os niobianos encontram soluções criativas. Basta-nos ser espectadores atentos e seguir os seus destinos com a dedicação de quem segue uma novela televisiva ou vê uma peça vicentina cheia de risos e de castigados lusos costumes.

Quantos somos? Não muitos, é certo. E também parece certo que não estamos a fazer o que devíamos ou podíamos. O que nos resta? Ou emigar para Nióbio, terra das oportunidade infinitas, ou dizer alguma coisa sem sentido. O diabo é o aborrecimento.

José Alberto Ferreira é professor no Departamento de Artes Cénicas da Universidade de Évora e programador do Festival Escrita na Paisagem (quando não está em Nióbio).

Um espaço pequeno e atafalhado, com móveis, pneus, troféus e outros objetos mais ou menos bizarros, um escadote, um pequeno aquário onde se pode ver uma lagosta, e várias lâmpadas espalhadas um pouco por todo o lado. De um lado vê-se uma velha bicicleta da qual sai uma parafernália de cabos elétricos.

Um estranho grupo de indivíduos de ar andrógino ocupa este espaço. D, um músico, está instalado num canto a tocar, cercado de instrumentos e outros objetos para produzir sons. A, B e C estão sentados ao centro, em torno de um grande gelado, que vai derretendo lentamente. Observam e experimentam o gelado, maravilhados.

A – Que bom!

B – É muito bom!

C – É mesmo bom!

Observam o gelado.

B – É tão grande!

C – Tem muito bom aspeto!

A – Está muito bem feito!

Experimentam o gelado.

C – Estou a gostar muito.

B – Está a saber-me mesmo bem.

A – Estou a ficar cheia.

Observam o gelado.

A – Já foi maior...

B – Está a acabar.

C – Mas ainda não acabou.

B – Mas vai acabar.

A – Quando isto começou já estava a acabar.

C – E quando acabar o que é que fazemos?

Olham uns para os outros e soltam interjeições. Depois ficam calados, sem resposta.

A – Então, fazemos aquilo que se faz quando não há nada.

Os outros não percebem.

A – Quando não temos nada o que é que temos?

B (*percebendo*) – Esperança!

A – E quando temos esperança mas continuamos a não ter nada?

C – Desilusão.

A (*levantando-se para ir embora*) – E a seguir à desilusão?

B e C (*em coro*) – Abandono.

A (*suspendendo a ação*) – E agora?

B – *Suspense?*

A – E a seguir ao *suspense* acontece alguma coisa. Acontece sempre.

C – Vamos exemplificar.

Levantam-se entusiasmados.

A – Eu digo.

B – Eu faço.

A (*para C*) – Tu sentes.

C (*para D*) – Vocês tocam.

B – Vamos.

C – Vamos.

A (*para B*) – Não estás a sentir nada, pois não?

B – Nada.

Concentram-se. B e C preparam-se para ilustrar com gestos e expressões, D prepara-se para tocar.

A (*enquanto os outros acompanham*) – Acabou! Esperança. Desilusão. Abandono. *Suspense...* Acontecimento!

Olham em volta.

C – O que é que aconteceu?

B – Então? Aconteceu alguma coisa?

Procuram pelo espaço, tentando descobrir o que poderá ter acontecido.

A – Não aconteceu nada. (*para D*) Vocês perceberam a sequência? É esperança, desilusão, abandono, *suspense* e acontecimento.

B – Se calhar estamos a ser lentos.

C – Temos de ser mais rápidos.

B – Vamos fazer outra vez.

A (*mais rápido, os outros acompanham*) – Acabou! Esperança. Desilusão. Abandono. *Suspense...* Acontecimento!

Voltam a procurar pelo espaço.

C – Não aconteceu nada...

Mal-estar geral. Voltam a sentar-se.

A – Desisto!

C – Não acontece nada.

A – Não vamos a lado nenhum.

B – Vamos embora!

A – Para um sítio maior...

B – Ao contrário.

C – Para um sítio mais pequeno?

B – Ficamos!

A – Não vamos embora *e* para um sítio mais pequeno!

C – Um sítio como este.

B – Este sítio!

A – Quem é que nos garante que noutra sítio acontece alguma coisa?

B – Este sítio é mais do que suficiente. Só temos que o transformar num sítio diferente.

C – Um sítio onde acontece alguma coisa!

A – Onde acontece o que nós quisermos.

C – O *nosso* território...

B (*olhando em volta*) – É um belo território.

Andam de um lado para o outro, tomando as medidas do território.

C – Cabemos muito bem aqui os três!

B – Os quatro com a banda...

A – Até nos podemos deitar...

B – Podemos circular sem bater em ninguém.

A – Podemos abrir os braços e rodar.

C – Podemos levantar os braços e saltar.

B (*montando a bicicleta*) – Podemos pedalar à vontade.

C – Nós não precisamos de mais espaço.

A – Nós não somos como eles.

B – Eles é que têm a mania de terem mais espaço do que precisam.

C – Temos tudo o que é preciso: temos interior, litoral, montanhas e planícies.

A – Não temos rotundas!

C – Nem pensar!

A – Para que é que servem as rotundas?

B – Para nos enganarmos redondamente...

C – As rotundas só servem para alimentar a indecisão! (*caricaturando*) “Ai, acho que é aqui, se calhar não, deixa-me dar mais uma voltinha, acho que é na outra, espera, vou dar mais uma voltinha...” bah! Só devia haver cruzamentos e entroncamentos. Chegas lá e decides: para onde é que queres ir?

A – Para a esquerda!

B – Ou para a direita!

C – Ou em frente. E mais nada! Decides! E se te enganares...

A – Fazes marcha atrás. E não tens de dar satisfações a ninguém.

B – Somos um povo independente!

C – Uma nação!

A – Se quisermos.

B – E queremos! Se declaramos independência, o que é que eles podem fazer?

A – Nada!

C – Então vamos declarar!

B – Vamos!

Hesitam.

B – Mas o que é que dizemos?

A – Dizemos que somos nós!

C – Dizemos que somos diferentes!

A – Mostramos que não temos nada a esconder!

C – Somos uma nação independente e sem truques.

B – Como é que mostramos isso?

C – Mostramos as mão. (*exemplifica, os outros imitam*) De frente, de trás, de lado.

B – Mas sem fazer trejeitos, senão pensam que é para enganar.

C – E mostramos as mangas para se ver que não temos nada a esconder. (*exemplifica, os outros imitam*)

A – Alto! É precisamente quando se mostra a manga para mostrar que não se tem nada na manga que se engana as pessoas e se mete alguma coisa na manga.

C – Então subimos a manga com a boca. (*exemplifica, os outros imitam*)

B – Alto! Podemos ter alguma coisa escondida na boca, que enfiamos na manga nesse momento.

C – Tens razão. Primeiro temos de mostrar o interior da boca. (*abre a boca*)

A – E se tivermos alguma coisa debaixo da língua?

C – Tens razão. Levantamos a língua. (*abrem a boca e levantam a língua*) Depois subimos as mangas... (*sobem as mangas*)

B – E declaramos a independência de...

Suspensão.

C – ... não temos nome.

Olham uns para os outros, preocupados.

A – Precisamos de um mapa.

B – Para ver onde é que estamos?

A – Para escolher um nome. Temos que ver que tipo de nome se costuma dar a um país.

Pega num mapa e mostra-o. Os três vão percorrendo os países com os olhos e murmurando os nomes que lêem.

B – Podíamos acabar em “Lândia”. Há muitas “Lândias”: Finlândia, Islândia, Tailândia...

C (*experimentando*) – Nossalândia. Aquilândia.

A (*desapontado*) – Soa a Parque de Diversões...

C – E se acabássemos em “ão”? Podíamos fazer negócios com muitos países: Cazaquistão, Paquistão, Afeganistão, Irão...

Olham uns para os outros.

A – É melhor não.

B – Esperem, eu tenho aqui outro mapa! (*abre uma tabela periódica*) Está cheio de nomes; só temos de escolher um número e ver que nome nos calhou. Digam um número!

Eles pensam. Não conseguem dizer um número.

C – Devíamos ir por eliminação.

B – Boa ideia. O que é que eliminamos?

A – Tudo o que lembre nomes de outros sítios!

B (*riscando na tabela*) – Índio, európio, neptúnio, *bye bye* califórnia e amerício, *au revoir* frâncio!

C – E tudo o que lembra nomes de outras pessoas!

B (*riscando na tabela*) – Ciao laurêncio, *ciao* mendelévio, lutécio, rutherfordórdio, túlio, *einstéininio*...

A – E tudo o que parece um conselho da mãezinha!

B – “Isto faz-te muito bem, tem: (*riscando na tabela*) ferro, cálcio, flúor, iodo, zinco, magnésio...”

C – E o que parece que pode ser usado numa guerra química!

B (*riscando na tabela*) – Hidrogénio, rádio, titânio, chumbo, enxofre, criptónio...

C – E tudo o que parece tirado de um romance meloso!

A – E tudo o que rima com palavrões!

C – E tudo o que parece um medicamento para dormir!

A – Tudo o que lembra partes do corpo.

B vai riscando furiosamente. De repente pára.

A – Então?

C – O que é que ficou?

B – Temos três finalistas!

A (*desapontado*) – Três?

C – Quais são?

B – Ósmio.

Eles pensam.

A – Elimina tudo o que pareça uma substância que te acabou de sair do nariz.

B risca.

B – Bismuto.

Eles pensam.

C – Elimina tudo o que pareça um animal de grande porte conservado num glaciário.

B risca.

B – Então sobra... nióbio.

A – Nióbio?

C – Nióbio?

Ponderam.

B – O que é que acham?

C – Pode ser.

B – Fica este?

A – Porque não?

B – Não é mau.

A – Até é bom...

B – É bonito.

C – É bem bonito.

A – É o nome mais bonito que eu já ouvi!

C – Vamos experimentar. (*para B*): onde estais?

B – Em Nióbio.

C (*para A*) - Por quem sois?

A – Por Nióbio.

B (*para C*) – Para onde ides?

C – Para Nióbio.

A (*para B*) – E quantos sois?

B – Somos três.

A – Quatro, com a banda.

B – E uma lagosta!

C – E o que significa Nióbio?

Silêncio. Olham uns para os outros.

C – Diz aí o que é? Quero dizer, o que é que somos?

B (*vendo na tabela*) – Um metal de transição.

A – É isso mesmo!

C – Perfeito!

B – Somos um metal de transição!

Satisfeitos, eles circulam pelo espaço, experimentando roupas, chapéus e outros objectos decorativos, como se procurassem descobrir que novo aspeto vão ter.

C – E como é que vai ser o povo de Nióbio?

B – Vai ser... niobiano!

A – Vamos ser nós!

C – E como é que nós somos?

Param, confusos.

C – Não chega sermos Nióbio. Temos de definir uma identidade. Qualquer coisa que nos distinga dos outros. Temos de encontrar o nosso cliché!

A – Ah, tipo: “os americanos são gordos”?

B – Nós somos gordos?

A – Não!

C – Os franceses são arrogantes.

A – Os italianos são aldrabões.

B – Os ingleses são reprimidos. Nós somos reprimidos?

C – Não. Nem arrogantes.

A – E também não devíamos ser aldrabões.

Pensam.

C – Como é que são os niobianos?

B – Somos... diferentes! Únicos!

C – Não, somos resistentes! Estamos aqui para ficar!

B – Somos como a lagosta, que é dura, tem uma carapaça forte, resistente!

C – É agressiva...

A – Mas só quando a provocam.

B – Sabe defender-se! E não envelhece!

A – Nióbio para sempre!

C (*tendo uma ideia*) – A lagosta! É isso! A nossa lagosta podia ser... podia ser muito mais do que o nosso bicho de estimação, a lagosta podia ser... O nosso símbolo!

B e A animam-se.

B – Um símbolo!

A – O nosso símbolo!

B – Podíamos usar o aquário para marcar o início do território!

C (*pega no aquário*) – Ora bem, o início do território... (*olha à volta, confuso*)

A – Era mais simples termos uma placa a dizer “Nióbio”.

C volta a pousar o aquário.

B – Não, não, não! Uma placa não! Temos que ter outra coisa... (*tendo uma ideia*) Aquilo que todos os países têm!

Os outros não percebem. B faz o gesto de empunhar uma bandeira.

B – Uma bandeira!

C – Uma bandeira!

A – A nossa bandeira!

Começam a procurar algo que possa servir de bandeira.

A – E como é que fazemos uma bandeira?

B (*agarrando uma pena de escrever*) – Desenhemos!

C – Desenhemos o nosso símbolo, a lagosta!

Encontram um tecido branco, esticam-no no chão e B prepara-se para desenhar.

C – Alguém sabe desenhar uma lagosta?

Silêncio.

B – Se calhar é melhor não desenhar a lagosta, pode ficar a parecer a entrada de uma marisqueira... E se desenhássemos só as pinças?

C – Boa! As pinças como símbolo da nossa força e capacidade de ataque!

B passa-lhe a pena.

A (*para C*) – Sabes desenhar pinças de lagosta?

C hesita.

C – Acho que as pinças aqui perdidas, no meio do pano, não ficam bem... deviam estar assim, dentro de um círculo, mesmo no meio. (*passa a pena a A*)

B (*para A*) – Sabes desenhar círculos?

A hesita.

A – E se em vez de um círculo fosse um quadrado? (*passa a pena a B*)

C (*para B*) – Sabes desenhar um quadrado certinho?

B hesita.

B – Se calhar devíamos escrever qualquer coisa...

A – “Nióbio”?

B – Não, algum tipo de lema...

C – Um mote!

A – O mote da Nação!

B (*passando a pena a A*) – Escreve tu!

A *hesita*.

A – Eu?

B (*piscando o olho a C*) – Sim, tu. Tens a letra mais bonita.

A – E... se ficar torto?

C – Não fica nada! Escreve!

A – Mas... e se eu me enganar?

B – Como é que te podes enganar?

A – Não sei... posso fazer algum erro numa palavra...

C – Aqui não há erros. Nós estamos agora a decidir, portanto como ficar está bem!

B – E se fizeres um erro, nós decidimos que não é um erro!

C – É mesmo assim.

B – Em Nióbio nada é um erro.

C – É mesmo isso! “Nada é um erro”!

A – “Nada é um erro”... é um bom mote.

B – É bonito.

C – É bem bonito.

A – É o mote mais bonito que eu já ouvi!

C (*para A*) – Escreve!

A hesita.

A – Esperem! O mote não devia ser em latim?

B – É verdade. Se é para ser levado a sério, devia ser em latim!

C – Vamos traduzir!

A passa-lhe a pena.

C – Portanto... “erro”. O verbo é “errare”.

B – “Erroro”: erro meu. “Erroret”: erro teu.

C – Acho que aqui os singulares não interessam.

B – Erro nosso...

A – “Erroram”. Quero dizer, com a declinação fica “erraram”.

C – “Errorem”: erro deles. Mas aqui queremos dizer “de todos”, não é? Ou seja, de ninguém.

A – Pois... declina como “mundum”.

B – “Errorum” então.

C – “Errorum”. “É” é “est”.

B – “É” é “est”.

A – Simples.

C – “Nada”. “Nada”... vem de “não”.

A – “Não” é “nunc”...

B – “Nunc”, “hic”...

C – “Nunc”, “hunc”, “hic”...

B – “Nic”.

A – “Nic”!

C – “Nic est errorum”: nada é um erro!

B – Nada é um erro... de ninguém!

A – “Nic est errorum”... soa bem!

B – Até podia ser cantado...

A – Podia ser uma ária de Bach!

C – Podia ser um hino...

B – O nosso hino!

A – Temos de ter um hino!

Os três aproximam-se de D.

C (*para D*) – Vocês sabem fazer hinos, não sabem?

D fica a olhar para eles, confuso.

A – Claro que sabem. Um hino. Não tem nada que saber...

B – Tem de ser uma coisa assim... firme, mas doce.

A – Ritmada, mas sem ser para dançar.

C – Tem de ser uma música emotiva, mas contida. Vão fazendo, vão fazendo!

D começa a testar acordes para o hino.

A – E o que é que vai dizer a letra?

Hesitam.

B – Se calhar não é preciso uma letra... A Espanha não tem letra no hino.

A – Vamos fazer um teste: campeonato de futebol, Nióbio contra o Portugal! Meia-final, jogado lá. Milhares de portugueses enchem as bancadas do estádio nacional do Portugal. No meio, um pequeno grupo de apoiantes niobianos...
(simula os apoiantes das duas nações)

B e C simulam a equipa de jogadores.

A – Ouvimos o hino do Portugal!

D toca uma versão encurtada do hino português. A simula um apoiante português na bancada a cantar. B e C simulam os jogadores portugueses a ouvir o seu hino, cantando a plenos pulmões.

A – Em seguida ouvimos o hino do visitante, Nióbio!

D toca alguns acordes de que se lembrou para o hino de Nióbio. B e C simulam os jogadores niobianos a ouvir o hino em silêncio. A simula os berros dos apoiantes portugueses que insultam das bancadas os jogadores niobianos. B e C começam a ficar furiosos. O hino chega finalmente ao fim.

A *(para B e C)* – Então? Como é que vocês se sentiram?

B e C olham para A, furiosos.

B – Temos de ter uma letra!

C – Temos de ter uma letra!

A – Muito bem.

B – Do que é que vai falar a nossa letra?

A – Vai falar do que somos, da nossa História!

B – Vamos narrar o destino antigo de um povo...

A (*desconfiado*) – Que povo?

B – Um povo oprimido!

C – Isso, isso, um povo oprimido e deprimido que um dia se libertou!

B – Houve... crianças a chorar...

A – Gritos de mães!

C – Ossos a estalar! Talvez um bocadinho de sangue...

B – E no final houve risos... houve esperança... e...e...

A – E...

Silêncio.

A – Faltam coisas ao hino que se reconheçam na História.

C – Não. Faltam coisas à História que se reconheçam no hino.

B – Temos de ter uma História.

C – Todos os países escreveram as suas Histórias. Nós também podemos escrever a nossa!

Pensam em como escrever a História de Nióbio.

A – Precisamos de uma coisa que daqui a uns anos as novas gerações de Nióbio consigam decorar facilmente.

C – Três ou quatro momentos-chave e chega!

B – Três ou quatro?

C – Podem ser quatro.

B – Quem quer começar?

A levanta o braço. B e C sentam-se para ouvir.

A – No início de tudo havia um vale verde e fértil. Uma planície com cereais, com milho...

B *(para A)* – Põe cabrinhas...

A faz um sinal a D, que simula um som de guizos.

A – Com cabrinhas! O sereno povo do vale vivia em paz com a Natureza, era um povo simples, vestido com peles de animais...

C – Fazia queijo...

B – Sim, queijo!

A – Mas havia um... *(procura a palavra, faz um gesto de violência)*

C – Opressor!

A – Um opressor, uma força invasora, que vinha constantemente perturbar a paz deste povo! Chegavam a cavalo, com armaduras de ferro, empunhando armas, e cobravam-nos impostos...

B – E levavam as cabrinhas!

A – E os cereais! E o que não levavam, destruíam. O povo do vale estava indignado, não podia suportar mais aquilo. Até que um deles...

C – O melhor deles!

A – Um agricultor, um homem simples, rústico...

B – O Flávio!

A – Flávio dirige-se ao opressor para dialogar, mas é gozado e barbaramente espancado!

A teatraliza o espancamento de Flávio.

A – O opressor ri-se. Espanca o povo do vale, queima-lhes as casas e deita sal nos campos para as colheitas não voltarem a crescer!

B e C (*em coro*) – Cobardes!

A – O povo está de rastos, mas não faz mal porque o mais importante foi o gesto, a capacidade de resistir. Estava construída a nossa identidade!

B – Mas tivemos de fugir.

A – Sim... sim... mas... Tornámo-nos um povo nómada, vagueando pelo mundo! E depois...

Faz sinal a C para que continue. C levanta-se e A senta-se para ouvir.

C – Passaram vários séculos...

B – Muitos séculos!

C – E muitos séculos depois, o povo já tem... um império!

B – Somos um império?

C – Sim.

A – E o que é que temos?

C – Então, temos nióbio! Temos minas de nióbio, temos todo o nióbio do mundo. Vendemos nióbio, transportamo-lo para todo o lado, em carroças muito resistentes porque o eixo das rodas é feito de metal reforçado com...

A e B (*em coro*) – Nióbio!

C – Fazemos comércio com todo o mundo, trocamos o nosso nióbio pelos melhores produtos do mundo. Somos parceiros comerciais de todos os impérios inimigos do Portugal.

A – Ou seja, toda a gente!

C – Menos a Inglaterra. Mas eles nada podem contra o nosso poderio! São toneladas de nióbio que vêm das nossas minas!

B – Mas... nós somos mineiros?

C – Quais mineiros! (*empurra B que cai de joelhos e senta-se nele como se fosse um cavalo*) Nós somos ricos! Temos escravos! O antigo povo do vale fixa-se num lugar, capital do império, e goza uma vida de luxo e desafogo!

B (*levantando-se e deixando cair C*) – Muitos séculos depois...

A – Alguns, pelo menos...

B – É a decadência!

C – Já?

B – A perda! O império é usurpado!

C – Por quem?

B – A Inglaterra! São eles que nos atacam e nos levam à decadência! São uma corja de piratas que quer ficar com o nosso minério! Tiram-nos tudo, roubam-nos as minas e os escravos!

A – E nós, o que é que fazemos?

B – Nós vamos lá. Falar com a rainha. A rainha Vitória!

A – Boa! (*assume o papel da rainha e finge comer*)

B – O representante de Nióbio chega ao palácio. (*para C*) Vai!

C aproxima-se como representante.

A – Eu sou a rainha! (*simula um sotaque britânico*) Quereis um *scone*?

B (*para C*) – Diz que não, que não queres um *scone*.

C – Não quero, obrigado, Majestade.

A – Estais bem instalado?

B (*para C*) – Diz que sim, que estás bem instalado.

C – Sim, Majestade, estou bem instalado.

A começa a discursar com a voz distorcida.

B (*acompanhando A*) – Pois então, ou entregais as minas até ao dia cinco do próximo mês, e vos rendeis com o nosso gracioso perdão, ou damos ordem severa a todos os nossos Almirantes, Capitães, Oficiais de Mar, Civis e Militares para que vos prendam! E oferecemos recompensa choruda a qualquer caçador de prémios que o faça. E agora podeis beijar-nos a mão.

A estende a mão.

C (*horrorizado*) – E eu beijo?

B – Beijas, claro! É uma rainha!

C (*beijando a mão de A*) – Mas o que é que eu digo ao povo quando voltar? Que ficámos sem nada? Perdemos as nossas minas?

B – Ficámos sem as nossas minas, mas mantivemos o nosso orgulho. E ficámos com uma coisa muito mais importante!

C – O quê?

B – A nossa identidade!

A (*confuso*) – Boa...

Pausa. Os três têm um ar algo desmoralizado.

A – E o quarto momento, quando é?

C – É recente, é História recente...

A – Temos dinheiro?

B – Não. Continuamos pobres. Mas temos liberdade... ou não?

A – Mais ou menos...

C – Ao princípio sim, mas depois não.

A – Foi preciso implementar algumas medidas restritivas, mas a bem da nação, para tentar voltar a equilibrar as coisas.

B – Aos poucos a vida em Nióbio foi-se tornando dura...

A – Cinzenta...

B (*simulando uma mãe que segura um bebé*) – Bom dia, posso passar? Fui comprar leite para o meu bebé, mas o preço do leite subiu e tenho que voltar a casa para ir procurar mais moedas...

A e C assumem o papel de forças da autoridade.

C – Claro...

A – A rua é pública...

B passa por entre A e C; estes agridem-no quando ele passa. B pára, chocado, e depois volta para trás.

B – Boa tarde, posso passar? Arranjei mais uns trocos para comprar leitinho para o meu bebé...

C – Claro...

A – A rua é pública...

B passa por entre A e C; estes agridem-no ainda com mais violência quando ele passa. B recupera da agressão e volta novamente para trás.

B – Boa noite, posso passar? O preço do leite voltou a subir. Vou ter de ir a casa ver se dou um caldo de farinha ao meu bebé...

C – Claro...

A – A rua é pública...

B passa por entre A e C. Estes retiram-lhe o bebé, espancam-no e atiram B ao chão.

C – E pronto: já temos crianças a chorar, ossos estalados, gritos de mãe. Como no hino!

A – Temos um povo oprimido!

B – Comprimido!

A – Deprimido!

B – Um povo que vai dizer basta!

C – E foi assim que chegámos aqui!

Aproximam-se do gelado, que ficou a derreter. Fazem pinturas de guerra com o gelado derretido.

B – E depois?

A – Depois? Depois é agora, mas agora percebe-se que a nossa revolta não é gratuita! Tem um sentido, uma História, vem de dentro, é verdadeira!

C apanha do chão o pano branco que seria a bandeira e hasteia-o num ponto alto.

C – E é aqui que estamos agora: a independência de Nióbio. Tempo presente!

Pausa. Olham a bandeira, orgulhosos. De súbito apercebem-se que o ambiente ficou mais escuro e as luzes parecem prestes a apagar-se.

B – Tempo presente?

A – Não estamos preparados para o presente...

B – Precisamos de um tempo de transição, se não arriscamo-nos a comprometer o futuro.

C – Precisamos de um tempo que não existe... (*monta-se na bicicleta e começa a pedalar*)

B – Entre o passado e o presente...

C – Ou entre o presente e o futuro...

B – De qualquer maneira, não existe...

As luzes voltam a subir lentamente.

A – Inventá-se, ora essa!

C – Claro! Porque é que havemos de ter só os três tempos que tem o Portugal?

A – Chamamos-lhe... (*pensa*) Não temos nenhuma palavra para um tempo novo...

B – Não, o *português* não tem palavra para este tempo.

C – Porque não tem o tempo...

A (*percebendo*) – Mas nós podemos inventar o nome, tal como inventámos o tempo!

C – Na nossa própria língua!

B (*excitado*) – A primeira palavra da nossa língua!

A (*excitado*) – Como é que vai ser?

C – É um tempo...

B – De transição...

Experimentam sílabas soltas.

B – Mas tem de ser já.

C – Sim, é um tempo para já!

A (*experimentando*) – Para já... ço...

B (*corrigindo*) – Para já...cio!

C – Prajácio!

B – Prajácio!

A – Prajácio!

C sai da bicicleta e junta-se aos outros. Os três sorriem, orgulhosos.

A (*pomposo*) – Proponho que, agora que temos língua própria, abandonemos imediatamente o uso do português.

B e C (*entusiasmados*) – Apoiado!

Voltam a sorrir, orgulhosos. De súbito percebem que não conseguem dizer mais nada. C levanta a mão. Os outros fazem-lhe sinal para que fale.

C (*hesitante*) – Proponho que, por uma questão pragmática, continuemos temporariamente a utilizar o português... até definirmos as regras da nossa própria língua.

A e B (*aliviados*) – Apoiado!

A – Como é que vai ser a nossa língua?

B – Simples, direta, uma língua viva! (*roda a língua na boca*)

C – Não vamos usar o discurso como eles fazem no Portugal: com um nó na garganta (*aperta o pescoço a A*), como um soco no estômago (*dá um soco a A*), cheio de pontapés na gramática! (*pontapeia A, que cai no chão*)

B – Não vamos deixar o discurso esmagar-nos! (*senta-se em cima de A*)

A (*no chão*) – A nossa língua vai ser espectacular!

B – Vai ser uma língua mais simples, mais elegante! Uma língua que caiba num fascículo de domingo. O português tem palavras a mais!

C – Vamos abolir uma série de palavras que não precisamos porque nomeiam coisas que não queremos ter.

Sentam-se, simulando uma reunião.

A – “Rotunda”.

B – “Memorando”.

C – “Lamento”.

A – “Parlamento”.

B – “Inverdade”.

A e C (*em coro*) – Argh!

B – O que é uma inverdade, afinal?

C – Uma coisa que não é mentira porque até podia ser possível, mas na prática também não é verdade porque nunca se aplica!

B – Não temos disso aqui!

A – “Resoluções”: não passam de decisões que fingem que são soluções.

B – “Ministro”: um tipo que parece simpático mas afinal é sinistro.

C – As palavras em Nióbio têm de dizer o que têm de dizer.

A – E mais nada!

B – E têm de se escrever como aquilo que querem dizer! Por exemplo: “grotesco”.

C – O que é que tem?

B – Devia ser com “u” de gruta! Mas eles escrevem com “o”.

A – Em Nióbio falamos a verdade.

B – Não: em Nióbio partimos do princípio que falamos a verdade.

C – Posso fazer um parênteses?

Hesitam.

A – Podemos fazer parênteses?

B – Bom... se calhar podemos...

A – Mas devíamos definir uma regra para os parênteses, se não perdemo-nos.

C – Então: podemos fazer apenas um parênteses por argumentação...

A – Com o tamanho máximo de...

B – Cinco linhas faladas!

C – ... dentro do qual podemos abrir um sub-parênteses...

A – Com um tamanho máximo de...

B – Uma linha e meia?

C – No máximo. Mais do que isso já não é um parênteses, é uma excursão.

A – Nós não fazemos excursões!

B (*para C*) – Querias fazer um parênteses?

C – Era isto. Fechar parênteses. Foi um pouco grande, mas para a próxima já sei a regra.

B – Outras expressões a abolir?

A – Tudo o que tenha nomes de outras terras: Chaves inglesas...

C – Pastores alemães.

A – Água de Colónia.

C – Champanhe.

B – Couves de Bruxelas.

C – Couves galegas.

A – Couves lombardas.

C (*irritado*) – Não há couves em Nióbio!

B – Metem nojo!

A – Nós metemos nojo?

B – Nós não.

C – Em Nióbio não se mete nojo.

A – Devíamos regulamentar o que podemos e não podemos meter.

B – Não podemos meter pena.

C – Não metemos impressão.

B – Não metemos a mão na massa.

A – Nem pensar!

C – Não metemos dó.

B – À excepção da banda, que pode precisar.

A – Não metemos cunhas.

B – Não metemos medo.

A – Não metemos nada?

C – Metemos respeito!

Sorriem orgulhosos.

A – Também não devíamos ter onomatopeias. Aqui as coisas soam ao que soam.

B – Claro! Se um gato miar não é preciso escrever “miau”, estamos a ouvir!

A – E só para acabar...

C – Sim?

A – Abolíamos também.

C – O quê?

A – “Só para acabar”. Ou o que estás a dizer vale a pena ser dito, portanto não é dito como um acrescento, ou então quando dizes “Só para acabar” o que estás mesmo a dizer é que já acabou. Vejam: “Ora, estamos a chegar ao final da nossa reunião. Só para acabar, o último ponto...”

Os outros levantam-se e dispersam, simulando abandonar uma reunião antes de tempo.

A – Estão a ver?

Sorriem os três, satisfeitos. Pausa.

B – E a ironia?

Os outros sorriem, irónicos, e não respondem.

B – O que é que acham? Abolimos a ironia?

Os outros sorriem, irónicos, e não respondem.

B – Se calhar mantínhamos, não?

Sorriem os três, irónicos.

A – Quem é que vocês acham que nos vai tentar invadir primeiro?

B – Quem é que nos vai invadir primeiro ou quem é que nos vai invadir *em* primeiro?

A fica confuso, B triunfante.

C – São eles... o Portugal.

A – O que é que lhes dizemos quando eles vierem?

C – Dizemos... (*sobe para uma mesa*)

B (*para C, pontando*) – Quem vem lá?

C (*para A*) – Quem vem lá?

A (*sobe para o escadote*) – O emissário do Portugal!

B (*para A*) – Não! (*pontando*) É o emissário.

A – Sou o emissário!

C – Emissário de quem?

B (*para C*) – Não! Não ouves bem à primeira... (*pontando*) Como dizes?

C – Como é que dizeides?

B (*para A*) – Agora repetes (*pontando*) Sou o emissário...

A – Sou o emissário do Portugal!

C – Viva Nióbio, nação independente!

A – Não, não, primeiro temos de renegar a cidadania antiga, só depois declaramos a nova!

C – Outra vez.

B (*pontando*) – Quem vem lá?

C – É o emissário do Portugal.

A – Que fazeides?

C (*com um gesto dramático*) – Renego a vossa cidadania!

B – E eles dizem...

A – Estaides loucos?

B (*para C*) – Estaides loucos?

C – A partir de hoje declaro Nióbio nação independente e não subjugada ao Portugal!

B (*para C*) – Como?

A – Com que argumento façais isso?

C faz um sinal a B. B vai buscar um livro que entrega a C. C folheia rapidamente e encontra a página pretendida.

C (*lendo*) – “Ninguém pode ser arbitrariamente privado do direito de mudar de nacionalidade”. Declaração Universal dos Direitos do Homem.

A (*desconfiado*) – Esse código não é antigo? Quando é que foi escrito?

C – Em... (*vê a capa*) 1948.

A (*satisfeito*) – Não tendeis condições...

B – Nem pensar...

A – ... para formar uma nova nação! Quantos soides?

B junta-se a C e sobe para uma mesa ao seu lado.

C (*orgulhoso*) – Somos três habitantes, uma banda e uma lagosta!

A (*gozando*) – Soides três habitantes, uma banda e uma lagosta e quereides enfrentar uma nação de onze milhões de habitantes, menos três, uma banda e uma lagosta?

B (*para C*) – Não te fiques!

C – Somos uma nação independente! Não nos podem ameaçar!

B – Boa! (*para A*) Tomaide!

A – Uma nação independente? Então tendes... tendes... o que é que tendes?

C – Temos tudo!

B – Tudo o que é preciso!

C – Temos um símbolo que representa aquilo que verdadeiramente somos! Vocês têm um símbolo?

B (*triunfante*) – Não!

C – Temos uma bandeira! Temos um mote! Vocês têm um mote?

B (*triunfante*) – Não!

A – Tendes... tendes... Tendes folclore nacional?

B e C olham um para o outro preocupados. B procura rapidamente pelo espaço, volta com um colar de pérolas numa caixa. Parte o colar e agarra as pérolas na mão.

B – Sim, temos folclore nacional. Atiramos pérolas.

A (*desconfiado*) – Atiram pérolas?

C (*agarrando algumas pérolas*) – Sim, quereides experimentar?

A (*interrompendo o teatro*) – O que é que eu digo?

C – Dizes que sim.

A – Mas vocês estão em contraluz...

B – É mesmo assim. É essa a beleza do nosso folclore nacional!

A – Mas eu não consigo ver as pérolas...

C – Então dizes isso!

B (*retomando o teatro*) – Atiramos pérolas!

C – Quereides experimentar?

A – Quererer até quereria, mas vós estaides em contraluz e eu não consigo ver as pérolas!

B e C (*em coro*) – É mesmo assim!

B e C atiram as pérolas violentamente para cima de A, que salta do escadote para escapar.

A – Eles não vão gostar disto! É praticamente uma declaração de guerra; vão voltar com um exército!

A vai buscar um foguete de confettis e empunha-o como se fosse uma arma.

B (*para C*) – Temos que nos preparar!

A – Vou voltar, então. (*sobe para o escadote e retoma o teatro*) Eis-me!

C – Quem soides agora?

A – Sou o Portugal Armado!

B – Não nos rendemos!

A – Tendes um exército?

C – *Somos* um exército.

A (*apontando para B e C*) – Os dois?

C (*apontando para A*) – Os três!

B (*apontando para D*) – Os quatro, com a banda!

C – Não podeis atacar-nos, estamos protegidos pelas leis internacionais! (*lendo*) “As altas partes contratantes declaram solenemente que condenam o recurso à guerra para a solução dos conflitos internacionais, e renunciam a elas nas suas relações mútuas”. Pacto de Paris, 1928.

A (*interrompendo o teatro*) – Mas ainda assim era melhor termos exército, não?

C – Para quê? A Costa Rica não tem exército, e ninguém diz que eles não são um país!

B – Estais com medo!

A (*retomando o teatro*) – Medo? Pff...

B – Pff? Estais com medo porque sabeis que Nióbio é apenas o início!

A – O início do quê?

C – É um exemplo que em breve será seguido!

A – Por quem?

C – Por todos os que se sentem oprimidos pelo Portugal! Os povos... os enclaves... os... os... (*olha para B, desesperado*)

A – Quem?

B – Os mirandeses!

C (*para B*) – Boa! E outros...

B – E outras...

C – Homens e mulheres...

B – E animais...

C – No continente e nas ilhas...

A (*confuso*) – Animais? Nas ilhas?

B e C entreolham-se. C tem uma ideia.

C – As focas-monge nas Ilhas Desertas!

A – O que é que têm?

C – São...

B – Oprimidas!

C – Estão...

B – Em extinção!

C – Têm direitos! Têm de ser ouvidas!

B – E...e... e nas Ilhas Selvagens!

A (*desconfiado*) – Também há focas?

B – Há faroleiros!

A – Em extinção?

C – Oprimidos!

A (*perdendo a paciência*) – Focas? Faroleiros? Estaides a delirar?

C – O que interessa é que Nióbio é apenas o início de uma grande vaga de auto-determinação, que libertará todos os oprimidos do território do Portugal, de Mirandela aos Algarves, das Desertas às Selvagens! E ninguém poderá deter esta vaga! Não podeis voltar atrás agora, Portugal!

A e B batem palmas animados. Saltam os três para o chão e começam a pular, com gritos de triunfo. Nesse momento entra E. Traz fato e gravata, e uma pasta na mão. Pára no limite do “território” de Nióbio, a observar a cena. D toca uma campainha para chamar a atenção dos outros, que de súbito vêem E e param, espantados. A, B e C assumem posições de defesa, empunhando o foguete, a caixa de pérolas e o livro.

E (*muito delicado*) – Venho da AFNAPAVE: Autoridade Financeira Nacional para a Avaliação de Projetos de Alto Valor Educativo. Recebi o vosso projeto, que me pareceu muito interessante, muito criativo e original.

Os niobianos olham uns para os outros, sem saber como reagir.

E – Se calhar podíamos sentar-nos?

Eles fazem-lhe sinal para que se sente no escadote, e sentam-se em mesas, perto uns dos outros.

E – Mas penso que houve um engano, o meu gabinete não será o melhor para dar um parecer sobre o vosso projeto. Há uma coisa que eu não percebi bem: qual é o âmbito?

Os niobianos olham um para os outros, sem perceber.

B – O âmbito?

E – Sim. *(tira uns papéis da pasta)* O que é que vocês são? Uma fundação? Uma cooperativa? Uma associação? *(olha para o espaço)* Um condomínio? Um apartamento? É isso, vou pôr aqui “um apartamento”. *(escreve)*

A *(grita)* – Não! Somos um país, uma nação independente, um Estado. Somos uma civilização!

E – Uma nação independente? *(suspira e volta a guardar os papéis dentro da pasta)* Uma nação independente... Então, têm uma constituição?

Os niobianos olham uns para os outros.

C – Constituição? Não... Mas a Inglaterra também não.

E – E leis? Quem é que governa? Vocês são tão poucos! *(contando-os)* Um, dois, três...

B – Lá fora também são poucos a decidir. Pelo menos em Nióbio os poucos somos todos.

E – Mas vocês têm alguma identidade, algum passado?

A – Claro! *(faz sinal a D, que toca o início do hino)* Houve música, e sangue, e ossos a estalar, e mães a gritar!

C – Mas não houve tumultos.

A – Não.

E – Não houve tumultos?! Com ossos a estalar não houve tumultos? Com sangue? Não houve tumultos com as mães a gritar? Como é que isso é possível?

D pára de tocar. Ninguém responde.

E – E alguém vos reconhece internacionalmente?

A – Se nos visse outra vez, acha que nos reconhecia?

E olha para eles, estupefacto.

E – Vocês não têm condições nenhuma para ser uma nação!

C (*abrindo o livro*) – Resolução 1514 de 1960, da Assembleia Geral da ONU, artigo terceiro: (*lendo*) “A falta de preparação nos campos político, económico, social ou no do ensino, não deve nunca ser tomada como pretexto para retardar a independência”.

A – Tomainde!

E – ONU? Entrar na ONU é muito difícil! A Palestina anda a tentar há décadas e ainda não conseguiu.

A – Porque são criminosos. Na Palestina até as crianças andam de pedras na mão.

B – E nós somos inteligentes.

A – Ou pelo menos acreditamos nisso.

C – Mais do que isso, se não somos, pelo menos estamos a desenvolver esforços nesse sentido.

E - Mas vocês não têm território!

C – O Tuvalu também vai deixar de ter território e não deixa de ser um Estado.

E – Mas isto aqui é muito pequeno!

B – O Vaticano também é pequeno e é um Estado!

E (*indignado*) – O Vaticano é diferente! (*benze-se*) Isto aqui é pouco propício ao investimento exterior. Vocês não têm nada. Um país precisa de ter várias coisas. Pontos de interesse. Comércio, negócios, dinheiro... vocês têm dinheiro?

A – Fazemos dinheiro. Cunhamos moeda. A nossa moeda. E desvalorizamos-la sempre que nos apetecer!

E – Mas de que é que vocês vivem? Têm agricultura?

B – Agricultura... não temos. As condições do território, a erosão do solo, em articulação com outros fatores, bem, a médio prazo, ou até breve trecho... pode ser uma ameaça... eventualmente.

C – Mas não somos uns coitadinhos, isso nunca.

A – Por princípio nunca.

B – A menos que se trate de uma situação pontual em que nos possa dar jeito.

E – Mas... e a comida?

C – Mandamos vir?

E – E como é que pagam?

A – Negociamos.

E – Mas vocês não produzem nada!

B (*saltando para a bicicleta e começando a pedalar*) – Produzimos a nossa própria energia!

As luzes aumentam de intensidade. E olha em volta.

E – Pronto, mas para além desse bocadinho de eletricidade?

B (*parando de pedalar*) – Não produzimos nada.

C (*tendo uma ideia*) – Mas vamos produzir! Vamos controlar a produção mundial do nióbio, e sem nióbio não há turbinas, e sem turbinas não há aviões.

E – Mas como é que vocês vão fazer isso?

A – Isso... vemos mais à frente...

E – Mais à frente? E a saúde? O ensino? O saneamento?

B – Vemos mais à frente...

E – E... um cemitério?

C – Vemos mais à frente?

Os niobianos olham uns para os outros, algo preocupados.

E (*levantando-se*) – Eu acho que vocês vão ter alguns problemas de sustentabilidade.

A (*ofendido*) – Problemas de sustentabilidade, nós?

C – E no Portugal, em que um em cada cinco portugueses é pobre?

A – Em Nióbio nunca chegaremos a isso!

B – Claro que não, somos só três!

C – Quatro com a banda!

Os niobianos riem, divertidos.

E – Eu volto a dizer que acho o projecto muito... criativo. Mas se calhar podiam trabalhar nele um bocadinho mais. No entanto eu... vou ver o que posso fazer para vos ajudar.

Os niobianos cercam-no e olham-no com gratidão.

A – Obrigado!

E – Não faço promessas, mas talvez seja possível dar-vos uma mão. Não sei se o meu gabinete será o mais adequado para apreciar o vosso projecto, mas posso passá-lo a... outro colega.

C – Muito obrigado!

E (*saindo*) – Vamos ver... Mas não se esqueçam que têm de fazer a vossa parte!

B – Claro, vamos meter mãos à obra!

A – Muito obrigado!

C – Até breve!

E sai. Os niobianos sorriem, satisfeitos.

B – Que simpático!

C – Ele vai mesmo ajudar-nos!

A – Está do nosso lado!

Pausa. Pensam.

A – O gajo enganou-nos!

B – Viram o que ele fez? Intrujou-nos com falinhas mansas!

C (*caricaturando E*) – “Ai, o vosso projeto é muito interessante!”

B (*caricaturando E*) – “É muito criativo!”

C – Era tudo uma estratégia para nos dar a volta!

A – “O vosso condomínio”? O gajo chamou condomínio a Nióbio?

C – A dizer que não temos isto, que não temos aquilo...

B – Se calhar não temos, mas ainda vamos ter!

A – Se calhar não temos porque não queremos ter!

B – “Ai, não têm hospitais, nem serviço de saúde...” Para quê? Para ser como o vosso, que não funciona? Não queremos!

A – “Ai, não têm escolas...” Pois não, para quê, para serem como as vossas?

B – É, muito bonitas, com móveis desenhados por arquitetos, e depois os professores levam porrada e os alunos não aprendem nada?

C – Não queremos! “Ai, não têm cemitério...”

Silêncio. Mal-estar geral.

C – Vemos isso mais à frente...

A – Não temos ciência...

B – Não temos porque não queremos!

A – Vocês querem gastar uma fortuna a pagar a um tipo para ele ficar anos a olhar para uma estrela, para depois nos vir dizer que a estrela está a não sei quantos ziliões de milhões de anos-luz de distância?

B e C (*em coro*) – Não!

A – Para que é que isso serve?

B – “Ai, não temos produção e não produzimos nada”...

Silêncio. Mal-estar geral.

C – Pois, mas aí... se calhar ele até tem razão...

B – Tem razão?

C – Quero dizer, temos que produzir alguma coisa. Temos de ter alguma coisa para vender ao exterior. Para termos dinheiro para compramos o que precisamos...

A – Do que é que precisamos?

B – Comida.

C – Enlatados.

A – Salsichas!

B – Eu gosto de salsichas... (*lambe os beiços*)

A – A quem é que comprávamos as salsichas?

C – Aos alemães.

B – Os alemães fazem boas salsichas! (*lambe os beiços*)

A – Mas como é que compramos as salsichas? Temos alguma coisa que os alemães queiram?

Olham em volta.

C (*tendo uma ideia*) – Traduções!

B – Traduções?

C – Sim. Os alemães vão precisar que alguém traduza os seus clássicos para a nossa língua!

A – Claro! Nós somos os únicos que podem fazer traduções para a língua de Nióbio!

B – Só nós é que a falamos!

A – Vocês sabem traduzir do alemão?

C – Não é preciso traduzir quase nada!

B – Não?

C – Claro que não! O que é preciso é lançar o isco e deixá-los morder.

A – Ah! (*confuso*) Como?

C – Oferecemo-nos para traduzir Goethe, por exemplo!

B – Gosto muito! (*lambe os beiços*)

C – Dizemos que traduzimos o “Werther”, a troco do fornecimento de dois anos de salsichas; enviamos o primeiro capítulo como prova de boa fé, e eles adiantam-nos o primeiro ano de salsichas. E nós não mandamos mais nada.

A – Mais nada?

C – No final do primeiro ano, eles reclamam porque não receberam mais nenhum capítulo. Nós dizemos que o trabalho se atrasou um pouco, e que agora, para acabá-lo, precisamos do segundo ano de salsichas. Eles ficam desconfiados, mas como querem receber o resto do “Werther” adiantam-nos as salsichas. E nós não mandamos mais nada.

B – Estou a começar a perceber...

C – No final do segundo ano, eles, furiosos, suspendem o envio de salsichas e dizem que não nos dão mais nada. E nós dizemos: “Que pena, estávamos mesmo a acabar o “Werther”, e, como nos atrasámos, até íamos oferecer a tradução do “Fausto”, a troco de apenas mais um ano de salsichas.”

B – Ena, o “Fausto” é grande!

C – Eles ficam divididos, porque já deram dois anos de salsichas a troco de quase nada, e agora podem recuperar tudo! Então cedem e enviam o terceiro ano de salsichas. E nós nunca mais mandamos nada!

B – Bela ideia!

A – Somos mesmo espertos!

Pensam. As luzes diminuem de intensidade.

B – Espera lá, isso não vai durar muito tempo.

A – Só dura três anos... depois disso...

B – Eles vão contar aos outros países...

A – Essa gente conhece-se toda!

B – ... e mais ninguém vai querer fazer negócios connosco!

A (*irritado*) – E quem é que quer passar três anos a comer salsichas?

B – Que ideia de merda!

A – De merda!

Olham para C zangados. Ele sobe para a bicicleta e pedala, envergonhado.

C (*baixinho*) – Merda...

B – Isso sim, já é uma boa ideia!

A – O quê?

B – Aí está uma coisa que nós produzimos de certeza! E a custo zero!

Os outros não percebem. As luzes voltam a aumentar de intensidade.

B – Merda!

A – Mas porque é que alguém havia de querer comprar a nossa merda?

B – Porque não lhe chamas merda, merda! Chamas-lhe qualquer coisa que soe bem... assim... (*pensa*)

C – Estrume?

A – Adubo...

B – Adubo! Mas especial... assim, *gourmet*, um adubo delicado para clientes de luxo!

A – Mas porque é que é especial e *gourmet* e delicado? É merda como a dos outros!

B – Não, não, damos-lhe um toque de classe, um aroma diferente. Aromatizamos-la e vendemo-la em embalagens minúsculas com preços enormes!

C – Somos mesmo espertos!

Eles sorriem, satisfeitos.

C – Vamos produzir mais alguma coisa?

B – Não temos mais nada, pois não?

A (*sorrindo*) – Claro que temos! (*aponta para D*)

Os três aproximam-se sorrateiros de D.

B – Vamos vendê-los?

C – Vamos ter escravos outra vez?

A – Não... (*para D*) Vocês sabem fazer sucessos musicais, não sabem?

B – *Hit singles!*

C (*para D*) – Sabem?

A – Claro que sabem! Não tem nada que saber! Dois ou três acordes, uma batida ritmada, umas rimas mal amanhadas e estamos lançados!

B – Isso é que vende!

A – Tem de ser em inglês, para exportarmos para o mundo todo! Quando eles começarem a ficar cansados de um... pimba, enviamos logo outro novo!

B (*para D*) – Vão começando já a compor o primeiro!

D pega numa guitarra e começa a ensaiar uns acordes.

C – Traduções de Goethe, adubo *gourmet* e *hit singles*!

A – E ainda diziam que nós não produzíamos nada!

B – Vamos ficar ricos!

Sorriem satisfeitos.

A – Quando formos ricos, o que é que fazemos?

C – Fazemos o que os ricos fazem...

B – Relaxamos, gozamos... divertimo-nos!

A – Que bom!

Espalham-se pelo espaço e ensaiam umas poses relaxadas.

B – E... como é que nos vamos divertir?

A – Temos que nos mexer, não é? Como eles fazem...

A dança, abanando o corpo erráticamente ao som dos acordes de D. Os outros assistem, pouco entusiasmados.

C – Isso é estúpido...

A desiste da dança e faz sinal a D para parar a música.

B – Devíamos praticar um desporto...

A – Não, devíamos inventar um desporto!

C – O desporto nacional de Nióbio!

B – Eles vão morrer de inveja!

A – O que é que podia ser?

B – O que quer que seja, tem de ser completamente original!

Pensam. Ensaiam uns inícios de actividade desportiva, saltando, simulando atirar coisas, mas desistem.

C – Não me lembro de nada que não exista já...

B – Aqui está a prova de que somos um povo oprimido! As nossas mentes estão a sofrer de uma escravidão de séculos, têm de ser libertadas!

A – Se calhar podíamos adaptar uma coisa que já existe...

C – Podemos pedalar (*volta para a bicicleta e demonstra*)

A – Podemos... podemos... nadar!

A vai buscar o aquário e demonstra, mergulhando uma mão na água repetidamente.

B (*observando os outros*) – Estou a ter uma ideia genial... (*para D*) Venham cá. (*D pousa a melódica que está a tocar e levanta-se*) Não, não, é para tocar! (*pega num apito*)

D volta a pegar na melódica e volta a tocar, enquanto se aproxima de B.

B – Vocês sabem correr sem sair do sítio?

D começa a correr no mesmo sítio, continuando a tocar.

B – E aqui está!

A e C não compreendem.

B – O grande Triatlo de Nióbio!

A – Ah!

C – Que boa ideia!

B (*saltitando animado*) – Vamos, temos de treinar muito! Preparados?

A (*grita*) – Ei!

Param todos e olham para A.

A (*para B*) – E tu o que é que fazes?

B – Eu? Eu estou a treinar-vos! É o trabalho mais difícil! Vamos! (*para D*) P reparados? Vai! (*para A*) Prepara-te! (*para D*) Agora... parem! (*para A*) Arranca! (*para D*) Não parem de tocar! (*para C*) Prepara-te! (*para A*) Pára! (*para C*) Arranca. (*para D*) Preparem-se!

A, C e D seguem as indicações, correndo, tocando, pedalando e nadando furiosamente. B vai apitando por entre as indicações.

B (*para D*) – Arranquem! (*para C*) Pára! (*para A*) Prepara-te e muda de estilo! (*para D*) Parem! (*para A*) Arranca! (*para C*) Prepara-te! Arranca! (*para D*) Preparem-se! Arranquem! (*para A*) Continua! Continuem... Todos juntos agora! Agora é sofrer, sofrer, sofrer até ao fim! (*apita muito alto*) Parou!

A, C e D param, exaustos. B senta-se, simulando exaustão.

B – Não está mal. Está muito bom. Vamos ser a melhor equipa!

C (*desanimado*) – Aposto que eles vão dizer que o nosso Triatlo não é válido.

B – Só por terem medo de perder!

A (*desanimado*) – Está toda a gente contra nós!

Pausa. Pensam.

C – Se calhar era melhor arranjarmos qualquer coisa para entreter os visitantes.

B – Quais visitantes?

C – Os turistas. Nióbio podia ser um destino turístico... pitoresco, único.

B – Mas o que é que temos para lhes mostrar?

A – Eu sou um turista. (*passa*) Ó que sítio interessante, o que é que há para ver? O que é que há para comer? O que é que há para fazer?

C e B não têm resposta.

A – Nada? Bah, vou-me embora deste sítio horrível!

A simula que o turista se vai embora.

C – Espere! Espere! Não se vá embora! Temos... Magia!

B – O quê?

A (*parando*) – Agora fiquei interessado.

C vai buscar um recipiente e um baralho de cartas. Dá um sinal a D para acompanhar com música.

C – Fazemos Magia! É fácil! É só prender a atenção e causar uma distração. Eles caem que nem uns patinhos!

B – Não podes só fazer uns truques, isso qualquer um faz! Para ser magia tens de criar um espetáculo. Espera.

B procura nas gavetas. C pega num prato e coloca-o junto ao recipiente. A observa.

A – Não vai acontecer nada? Estou a desinteressar-me...

C – Claro que vai! Observe!

B – Ah! (*mostra o manual de mágicas do Mandrake*) Aqui está o livro que ensina como se faz um espetáculo de sucesso!

C (*para A*) – Este truque vai ser espetacular!

B (*lendo*) – “Nunca apresente um truque sem estar certo do seu sucesso”.

C – Este é um truque que nunca falha...

A (*afastando-se*) – Não estou interessado, não estou interessado...

B (*lendo*) – “Escolha o seu estilo e mantenha-se fiel a ele.”

C (*adoptando um ar oriental*) – Aproxime-se, cavalheiro! Vai assistir a um momento único de transubstanciação!

B (*lendo*) – “Cative a atenção da plateia, conte uma história interessante.”

C – Este é um truque oriundo das estepes da Mongólia...

A (*aproximando-se*) - Estou a ficar interessado...

C – Foi desenvolvido por... virgens... mongolanas.

A – Estou mais interessado...

C – Veja este baralho. Eu vou baralhá-lo.

A – Esse baralho está viciado!

B (*lendo*) – “Se houver um espectador desconfiado, peça-lhe que participe no truque”.

C (*para A*) - Preciso que participe. Podia baralhar, por favor?

A baralha e devolve o baralho a C.

C (*mostrando a carta de cima*) – Memorize esta carta. (*pousa o baralho e coloca o prato por cima*) E agora observe, porque é agora que tudo acontece! (*saindo do estilo de mágico*) Mas é mentira, porque na verdade já começou, a história da Mongólia era só conversa para tu não perceberes que estava tudo preparado, e a carta esteve sempre por cima, e por baixo do prato há uma plasticina que agarra a carta que eu faço cair no recipiente sem que tu percebas!

B (*lendo, chocado*) – “Nunca revele o segredo de uma mágica”.

C – E pronto, daqui para a frente é só trabalho de ator, encenação, adereços (*pega num pano*) e música (*para D*) agora criem *suspense*!

B – Espera! Estás a chegar ao fim?

C – Sim.

B – Então presta atenção! (*lendo*) “Cuidado! Por muito bem que tenha corrido o espetáculo, no final você pode deitar tudo a perder se terminar com uma frase sem sentido.”

C hesita. Olham uns para os outros.

C – Bom... *(volta a assumir o estilo de mágico)* E agora, pelas artes mágicas da longínqua Mongólia, a carta que estava em cima vai aparecer em baixo! *(mostrando a carta)* Transubstanciação!

C fica histérico de alegria e vai buscar um rabo de silicone, que começa a sodomizar violentamente. D continua a tocar. B bate palmas.

A *(irritado)* – Ei! Isso é batota! Como é que eu sei que era mesmo a minha carta? Eu devia ter assinado para agora provarem que é a mesma carta! Isto é um truque baixo! Só para enganar as pessoas.

Subitamente A e B reparam que C está a usar o rabo de silicone.

A e B *(gritando em coro)* – OH!

C pára surpreendido. D pára de tocar.

B – O que é que estás a fazer?

A – Isso é assim?

C *(confuso)* – O que foi?

B – É tudo nosso?

A – É tudo à bruta?

B – Não é assim que se utiliza a coisa pública!

A – É com cuidado! Com delicadeza! Com descrição!

C – Ai é? Cuidado, delicadeza? *(aponta para o rabo de silicone)* Então porque é que isto está tudo sujo? E não digam que fui eu, porque eu ainda não tinha acabado quando vocês interromperam! Quem utilizou isto pela última vez é que não limpou!

A (*com um ar comprometido*) – Isso são desculpas... O que é que interessa quem usou e não limpou? Quem é que é pior: quem usa a coisa pública com respeito e decência mas no fim esquece-se do detalhe de limpar ou quem até limpa mas depois de usar sem respeito nenhum?

C – Mas eu não estava a usar sem respeito, estava até imbuído de grande espiritualidade, com um sentido profundo de uma ausência de Deus que me perturba. O que me lixa é que alguém não limpou e agora tenho de ser eu.

B (*apontando D*) – Foi a banda!

D olha para eles chocado.

A – Isso ainda é pior! Vem o primeiro gajo e usa bem a coisa, mas esquece-se de um detalhe no fim. Vem o segundo, usa mal a coisa, mas queixa-se que alguém não limpou. E vem o terceiro, que nem sequer estava na história, e denuncia outro gajo qualquer, só para que não pensem que foi ele. É nojento!

C – Se a coisa é pública eu posso usá-la como quiser!

B – Não, não, não! Não é assim! Há regras... procedimentos...

A – Não é só chegar e usar...

B – Tens de pedir...

Pegam no rabo de silicone e posam, como se estivessem numa repartição.

C (*aproximando-se*) – Ân... boa tarde, eu queria usar a coisa pública.

B – Tem de enviar um pedido.

C – Mas eu estou aqui a pedir!

A – Só aceitamos pedidos a partir do próximo mês.

C – Ah, mas depois aceitam o pedido?

B – Depois estudamos o pedido.

C – Bom, então eu volto.

C simula que se vai embora. A e B trocam de posição. C volta para trás.

C – Olá, eu estive aqui há uns meses e entretanto enviei um pedido para usar a coisa pública...

A – Já não estamos a receber pedidos.

C – Mas...

B – Agora só para o ano que vem...

C – Então... eu envio um pedido para o ano que vem?

B (*sorri irónico*) – Faça isso!

C simula que se vai embora. A e B trocam de posição. C volta para trás.

C – Boa tarde, eu enviei um pedido para usar a coisa pública este ano...

A – Desculpe, não recebemos nada...

C – Não receberam? Mas eu já mandei há vários meses!

B – É que entretanto tivemos eleições, as equipas mudaram, instalámos um novo *software*, mudámos de instalações, alterámos os regulamentos e... agora só para o ano que vem!

C (*irritado*) – Mas assim é impossível! Vocês não largam a coisa pública e eu não consigo tocar-lhe!

A (*segurando o rabo de silicone*) – Assim não, mas eu digo-te como é que consegues: tu escondes-te e esperas que passe alguém que já tenha acesso à coisa pública.

B *finge passar casualmente na rua; C observa.*

A – E quando ele estiver a passar tu saltas-lhe para cima.

C *salta e agarra-se às costas de B.*

C – E ele não percebe?

A – Claro que percebe mas não se importa, está habituado, é como os tubarões com as lapas! E ele vem para discutir um detalhe de tesouraria qualquer, saber se pagam esta semana ou só na próxima...E tu chegas com ele à coisa pública e não dizes nada.

B (*despejando C no chão e sentando-se em cima dele*) – Precisava de confirmar alguns detalhes acerca do pagamento, porque parece-me que há um atraso...

A – Não se preocupe, está quase a cair na sua conta, temos só que ultrapassar umas formalidades novas, para garantir a transparência. Há para aí quem ande a dizer que a coisa pública está sempre entregue aos mesmos.

B – Disparate! Então, não há tanta gente nova? (*mostra C e empurra-o para perto de A*)

C – E já estou na coisa pública!

A – Claro. Agora esperas muito quietinho uns dez, quinze anos, e eu acabo por sair porque arranjei coisa melhor. (*passa o rabo de silicone a B e afasta-se*)

B – Agora esperas muito quietinho mais uns dez, quinze anos, e eu também acabo por sair porque puxei uns cordelinhos. *(passa o rabo de silicone a C e afasta-se)*

A – E agora que tentaste e tentaste, e te colaste como uma lapa, e esperaste trinta anos, e finalmente tens a coisa pública nas mãos... se vier alguém mais novo a querer usar também?

A e B aproximam-se de C com um ar ávido.

B – Boa tarde...

A – Eu queria saber se podia usar a coisa pública...

C olha para eles em pânico, segurando o rabo de silicone com mais força. Nesse momento entra E. Traz a parte de cima do seu fato, mas sem gravata, umas calças de ganga e uma pasta na mão. Pára no limite do “território” de Nióbio, a observar a cena.

B – Então, o que é que dizes?

C *(grita)* – NÃO!

Os três riem. D toca uma campainha para chamar a atenção e eles, de súbito, reparam em E. Param de rir, espantados.

E – Posso?

Os niobianos aproximam-se dele sorridentes, mas estranhando a mudança de roupa.

C – Entre, entre!

E – Então, como é que vai o vosso... projeto?

A – Já temos o dobro da história e do passado que tínhamos, da última vez que nos visitou.

E – Isso é que é uma progressão notável. E já pensaram em fazer um seguro para o vosso projeto?

Eles ficam confusos.

C – Mas o senhor agora vende seguros?

E (*embaraçado*) – Digamos que ... mudei de ramo.

B – Mas o senhor não era diretor não sei de quê?

E – A situação lá fora está muito instável...

C – Mas um seguro contra quê?

E – Vandalismo. Tumultos. Os seguros adaptam-se... Mais do que eu falar das vossas necessidades devem ser vocês a falar do que precisam e eu adapto os meus produtos às vossas necessidades. De que é que vocês precisam?

A – Dinheiro!

B – Não é só dinheiro...

C – Não, não é só dinheiro. Mas é sobretudo dinheiro. Dinheiro e reconhecimento.

E – Percebo... No fundo, querem tornar-se num projeto viável. O que vocês precisam não é um seguro, é um plano de negócios!

C – É isso!

E – Muito bem. O que é que vocês têm para dar ao mundo?

B – Merda.

C – Para adubo.

A – E *hit singles*.

C – E um Tritalo... especial... (*aponta para a bicicleta e o aquário*)

B – Acha que somos um projeto viável?

E – São um projeto... passível de ser viável.

A – E é um passível muito grande?

E – Já vamos ver isso.

E faz sinal aos niobianos para que se sentem. Depois retira da pasta um esquema desenhado num cartão e mostra-o

E – Matriz bidimensional do Boston Consulting Group: As vacas são o fundamental para a sobrevivência do projeto. São o que tem poucos gastos e rendimentos interessantes. Os cães: Alguns cães, os mais gordos, podem vir a ser vacas. Mas outros, os cães pequenos - que só consomem recursos sem dar retorno - têm de ser abatidos. As incógnitas são um dilema: Podem dar estrelas ou cães. A estrela é o que nos pode fazer ganhar dinheiro a sério. E é aqui que temos de investir.

B – Não estou a perceber nada mas estou a gostar muito!

E – Ora bem, a vossa vaca é o estrume, não custa nada e vende-se bem. A estrela são os sucessos musicais. (*apontando para D*) Com uma banda destas não têm como falhar... O cão é o vosso Triatlo, e neste caso, e digo isto desapaixonadamente, é abatê-lo, porque não justifica a manutenção.

A (*desapontado*) – Oh... mas treinámos tanto...

E – A incógnita, no vosso caso, é tudo o resto. E agora a estratégia é simples: é investir o dinheiro gerado pela vossa vaca na vossa estrela. E pronto: aqui está um modelo de negócio viável!

C (*entusiasmado*) – Vai ser a merda a sair e o dinheiro a entrar!

E – Não diga “merda”, diga “adubo aromático”...

C (*entusiasmado*) – Vai ser o adubo aromático a sair e o dinheiro a entrar!

E – Não diga “adubo aromático”, diga “adubo”... “aromático”.

C (*entusiasmado*) – Vai ser o adubo... aromático a sair e o dinheiro a entrar!

B – Mas não devia ser ao contrário? Primeiro entrava o dinheiro para podermos comprar as ervas para aromatizar o adubo.

E – E para isso é que se inventou a melhor das coisas do capitalismo: as vendas a trinta, sessenta e noventa dias. Foi assim que se fizeram as grandes fortunas de Portugal!

B (*excitado*) – Como é que eles fizeram isso?

A (*excitado*) – Como é que eles fizeram as grandes fortunas?

C (*excitado*) – Como é que nós podemos fazer uma grande fortuna?

E – Para fazer uma grande fortuna primeiro é preciso fazer o amor. Mas atenção, porque isto é uma coisa nojenta! São uma série de fluidos corporais começados por “s” a serem trocados - saliva, suor, sémen, sangue...

B – Que nojo!

E – Mas é essencial, para que os mais jovens se reproduzam entre si e para que as fortunas se preservem e aumentem.

C – Não percebo...

E retira da pasta uma carteira cheia de retratos e mostra-os enquanto explica.

E – Imaginem: Portugal, outubro de 2008: Casamento da Inês, a filha do Luís Champalimaud. Estão lá todos: Os Espírito Santo, os Ulrich, os d'Orey, os Pinto Basto, os Mello!

A – São todos amigos?

E – Mais que amigos, são família!

B – Família?

E – Os Mello são da família de toda a gente, então, a mãe do Luís de Mello, a Maria Cristina Mello, que é avó da Inês, a moça que se está a casar, era mulher do António Champalimaud, e uma tia desta Maria Cristina, a Maria Luísa Mello, tinha casado antes com um Ulrich, o Fernando Ennes; E esta Maria Luísa de Mello, tinha dois primos, o Pedro José de Mello e o Salvador José de Mello que se casaram com duas irmãs da família dos d'Orey e tinha também uma sobrinha, a Maria da Conceição Mello, que se casou com o António Eduardo que era um Pinto Basto, e aquele Salvador José de Mello tinha um sobrinho, o Frederico José de Mello, que se casou com a Mafalda Espírito Santo. Os Mello casaram com toda a gente!

C – Mas como é que nós fazemos para nos conseguirmos misturar com essa gente?

E – Eu explico-vos. Podemos começar por ir à ópera. *(escolhendo entre os niobianos)* Você é um Mello, você um Champalimaud, você é um Espírito Santo.

A, B e C preparam-se para o teatro.

E – Começa o espetáculo: um tenor, uma soprano, binóculos.

B e C cantam como soprano e tenor, A vai buscar uns binóculos e finge assistir.

E – Depois o intervalo, uns charutos, uma taça de champanhe, um pouco de conversa: Luanda Hong-Kong, Kong. E outra vez a soprano e o tenor e os binóculos. Depois no fim o mais importante, a festa: Bom gin, taças de morangos onde nenhum está podre, pão de trigo e sêmola dura, *pomodori secchi*, manteiga batida à mão, *carpaccio*! Está toda a gente junta (*eles soltam grunhidos e gritinhos*) e vocês lançam a confusão, a dúvida: (*caricaturando*) “Mas eu conheço-o, ou não conheço, sim, não, não, sim, não... já sei, somos primos!”

A (grita, descontrolado) – O meu avô era mineiro e levava no cú!

Silêncio de desaprovação.

E – Não, isso não se diz! Diga: “Eu tinha um tio-avô que era mineiro”... não, “que tinha uma mina”... etc, etc, etc... E toda a gente a ficar embriagada, na conversa a noite inteira...

B – E depois?

E – Depois, ao pequeno-almoço: sumo natural de papaia e manga.

C – E depois?

E – Depois? Depois já está. Alguém há de ir ter convosco para vos pedir o vosso NIB. Mas muita atenção: Nunca se fala em dinheiro! Só se fala em negócios. Alguma pergunta?

C põe um braço no ar.

E – Diga.

C – Isto é uma farsa, não é?

E – Não. Tudo isto funciona no domínio do hipotético. É tudo realidade, mas funciona tudo no domínio do hipotético. Compreendem?

Eles ficam confusos.

A – Mas nós não podemos ir à ópera.

B – Não podemos abandonar Nióbio nesta fase inicial, podíamos ser invadidos.

E – Bom... talvez eu possa fazer uns contactos... puxar uns cordelinhos... e convencer alguém a vir até cá, já que vocês não podem ir lá.

C (*excitado*) – Um Mello?

E (*cauteloso*) – Não sei, não garanto isso. Mas talvez consiga convencer um potencial investidor a vir dar um passeio aqui, um sítio “muito típico”! Ele até pode trazer a mulher e os filhos, almoçam, conhecem-vos e vocês aproveitam a oportunidade!

B – Uau! Pode fazer isso?

A – Muito obrigado!

E – Preparem-se! Até breve!

C – Muito obrigado!

E sai. Os niobianos batem palmas, excitados.

B – Já nos safámos!

A – Eles vêm aí!

C – Temos que nos preparar para os receber. Eles têm que se sentir bem aqui. Se não, não vão querer nada connosco!

B – Temos de limpar um bocadinho! (*começa a limpar*)

C – Temos de arrumar um bocadinho! (*começa a arrumar*)

A – Eu... eu... vou dar ao dínamo! (*salta para a bicicleta e pedala*)

B – Tem de estar tudo impecável para impressionar os convidados!

Subitamente param. Olham à volta.

A (*parando de pedalar*) – Impressionar? Mas nós não temos nada que impressione ninguém!

B (*aponta o território*) – Quem é que fica impressionado com isto?

C – Nunca vamos conseguir fazer negócio...

A – Mas nós precisamos de fazer negócio!

Pausa. Pensam.

B – Só temos uma saída...

C – O quê?

B – Fazer aquela coisa que eles fazem no Portugal.

C – O quê?

B – É assim que eles sobrevivem.

A (*percebendo*) – Argh! Não, é nojento!

C – O quê?

B (*suprimindo a náusea*) – Casar.

A – Que nojo!

C – Casar?

B – É a única hipótese de salvação. Temos de aproveitar que eles vêm cá, para tentarmos casar com um deles.

A – Mas porque é que eles iam querer casar connosco?

B – Pois, isso é que é complicado...

C (*assumindo uma pose sedutora*) – Então, temos que os seduzir, atrair, cativar...

A e B olham para ele e sorriem.

C – O quê?

B (*aproximando-se dele*) – Bem, se vamos fazer isto, alguém tem de se sacrificar.

C – Eu?

A (*aproximando-se dele*) – Nasceste para isto!

B – Isto é uma honra para ti. Foste escolhido para salvar Nióbio!

C – Escolhido por quem?

B – Vais ser lembrado pelas gerações seguintes e estudado nas escolas.

A – O teu nome será grande como o de Flávio.

B – Mas olha que isto é duro. O casamento é um sacrifício!

A – Tem momentos muito bonitos, mas outros muito duros...

Empurram C, que cai de joelhos no chão.

B – Vais ter que ter muita paciência. (*simula uma penetração violenta, fazendo-o cair de gatas*)

C – Mas isto assim é muito perigoso!

A – E nojento, mas vai ter que ser...

C – Mas eu assim aleijo-me. Não podia ter uma almofada, para ao menos não partir os queixos?

A (*faz sinal a B, que lhe atira uma almofada*) – Sim, claro! Eles dão-te uma almofada... (*dá a almofada a C*) Ao início...

C – Ao início como? Eles depois tiram-me a almofada?

B – Claro! Ao início, isto até não custa muito. Mas depois há um dia, quando tu já te sentires seguro, em que eles te tiram a almofada sem avisar.

A tira a almofada a C e empurra-o com violência para o chão.

B – E partes os queixos, e a partir daqui é sempre a sofrer!

A – É sempre assim!

B – E aí tens de ser firme, tens de bater o pé: dizes que assim não pode ser e ameaças ir embora.

A – É o abandono...

C (*levantando-se*) – Assim não pode ser, vou-me embora!

B – E eles dizem: “Vai. O que é que vais fazer? És pobre e sem nós passas fome! Boa sorte!” E tu diriges-te para a porta e...

C finge que se vai embora. A faz-lhe um sinal para parar.

A – *Suspense...*

B – E acontece alguma coisa que te faz voltar atrás...

A – Acontece sempre.

C – O que é que acontece?

B – Eles percebem que sem ti não há casamento, e isso também não lhes convém. E dizem: “Espera! Vamos renegociar”

A – E tu voltas. E agora é a tua oportunidade de pedires alguma coisa.

C (*voltando*) – Peço a almofada!

A – A almofada? A almofada era uma coisa a que já tinhas direito!

B – Tens que começar a ditar condições.

A – Pedes, por exemplo, para não levar todos os dias.

B – Melhor: Pedes para algumas vezes seres tu a dar. Passado pouco tempo passas a dar com mais frequência. E em poucas décadas, sem eles terem percebido, teremos invertido a situação e será só Nióbio a dar!

C – Não, não! Vocês estão a ser muito ambiciosos. Nós assim vamos perder tudo. Eu por mim peço só a almofadinha para não partir os queixos e já fico muito feliz.

A – Bom, já sabemos o que vai acontecer depois do casamento. Mas como é que os convencemos a casar?

C – Eu sou muito feio...

B – Isso não é um problema. (*vai buscar um véu*) Tapamos-te a cara. Dizemos que é uma coisa cultural.

A e B tapam a cara a C e preparam-no para o casamento. Depois observam-no.

A – Ainda assim, não vai ser fácil...

B – Eles pensam que vêm só para dar um passeio...

A – O ideal era conseguirmos casar com eles antes sequer deles perceberem o que está acontecer.

B – Já sei! Assim que eles chegarem vamos recebê-los, escondemos a noiva, agarramos um filho deles e obrigamo-lo a assinar um pacto. Se fizermos bastante alarde eles nem percebem o que está a acontecer.

A (*rindo*) – É uma coisa cultural!

B – Mas temos de assinar o pacto em duplicado, para não sermos enganados depois.

A – Não temos caneta...

Pensam.

A – Fazemos um pacto de sangue! (*simula que bate com a cabeça dos noivos no chão*)

B (*percebendo*) – Vamos ensaiar!

A (*para D*) – Venham cá, vão fazer de noivo!

A e B agarram em D e simulam que o noivo chega, é levado para junto da noiva, ambos são forçados a ajoelhar e as suas cabeças batidas duas vezes contra o chão, enquanto se trocam as cópias do pacto.

B – E pronto!

A – Estamos casados!

C (*chocado*) – Mas... Ele está a sangrar, com os dentes todos partidos, a família deve estar chocada, a mãe aos berros, ninguém percebe o que está a acontecer...? E agora?

A e B (*em coro*) – Festa!

B (*para D*) – Precisamos de música, daquela que se ouve nos casamentos.

D regressa ao seu lugar e põe a tocar uma música ruidosa e animada. B agarra uma grinalda de luzes e começa a pendurá-la pelo espaço, com a ajuda de C.

A (*agarrando o foguete de confettis*) – Temos um foguete, podemos rebentá-lo!

B – Devíamos ter dois, para poder rebentar um de cada lado.

A – Só temos este.

B – Precisamos de arranjar mais um...

A – Será que funciona? (*rebenta o foguete, os confettis espalham-se por todo o espaço*)

C (*emocionado*) – Que lindo!

B (*emocionado*) – É muito lindo!

A (*emocionado*) – É o foguete mais lindo que já vi!

B – ... mas agora precisamos de dois.

A – O que interessa é que já sabemos que funciona.

C saltita pelo espaço atirando confettis e dando gritinhos de alegria.

B – Bom, a noiva está histérica, eles estão distraídos, toda a gente está confusa... está na hora do banquete!

A – E onde é que servimos o banquete?

Olham em volta.

B – Podíamos servi-lo no chão?

C – Sim, é uma coisa cultural!

A – Temos de arranjar uma toalha, para não ser tão degradante.

C retira a bandeira do suporte onde estava hasteada.

C – Servimos o banquete no nosso melhor pano!

B (*chocado*) – Na bandeira? Vamos usar a bandeira como toalha?

C – São convidados especiais. Temos de os impressionar.

A – Só fazemos isto a pessoas muito especiais!

C – E à família!

Eles riem, estendem a bandeira no chão e sentam-se à volta dela.

A – E... o que é que servimos?

B – Temos que dar uma aparência de abundância. Não queremos que eles pensem que casaram com uns pés-rapados!

C levanta-se e vai buscar o aquário.

C – A lagosta.

B (*levantando-se, chocado*) – Vamos servir a lagosta?

A (*levantando-se, chocado*) – Vamos servir o símbolo nacional?

C – ... não podemos servi-la, pois não?

Olham para o aquário e pensam.

A – Podíamos cortar-lhe as patas, cozíamos e servíamos só as patas... Ela provavelmente ficava viva...

B – E ficamos com um símbolo mutilado?

C – Ou então cozemos a lagosta toda, fazemos um corte de cima a baixo, eles comem o interior sem danificar a carapaça, e no fim guardamos a carapaça no aquário outra vez.

A – Mas assim ficamos com um símbolo morto!

B – Ficamos com um símbolo oco!

C – Sim, está morto e oco, mas está inteiro.

B (*recuando uns passos*) – Ao longe, dentro do aquário, provavelmente ninguém percebe que ela está morta...

A – Mas... e se um deles se entusiasma e tenta partir a carapaça, ou uma pata, para ver se há mais para comer? (*simula que vai partir a cauda*)

C – Temos que os distrair!

B tem uma ideia; traz o escadote e sobe para cima dele.

B (*pomposo*) – Senhores e senhores, chegou o grande momento... o momento de... de...

C – Aqui precisamos de um grande evento, alguma coisa que os distraia para salvarmos a carapaça sem eles perceberem. (*volta a colocar o aquário no sítio*)

A – Tem de ser alguma coisa em grande!

B – Devia ser uma coisa nossa, que eles tenham de assistir com muito respeito, uma coisa construída a partir do nosso património cultural e artístico.

A – Mas nós não temos nenhum património...

C – Arranja-se! Não deve ser difícil... (*pensa*) Ora, património... património... vem do latim, não é? “Patrismonis”...

B – “Patris”, “patris” vem de pai...

A – E “monis”, vem de... deve vir de *money*, dinheiro...

C – Então, “patris monis”... é o dinheiro do pai! É a mesada, não é? Deve ser por isso que toda a gente quer conservar o património...

B – Mas onde é que arranjam os o dinheiro do pai?

A – Já temos o dinheiro da mãe... (*os outros não percebem*) “Matris monis”: matrimónio.

C – Boa!

B – Assim não vamos lá. Temos é de inventar alguma coisa em grande, que chame logo a atenção!

A – E que pareça muito perigoso!

B (*subindo para o último degrau do escadote*) – Senhores e senhores, a vossa atenção!

A (*fingindo medo*) – “Ui, o que é que aquela está a fazer ali em cima? Será que vai saltar? Ui, que isto vai acabar muito mal!” E pronto, já estou totalmente distraído!

B (*com ar heróico*) – Vou saltar! Vou saltar!

A e C aproximam-se entusiasmados.

C – Vais saltar de pés?

B – Não, de cabeça!

A – Boa!

C (*colocando uma taça no chão*) – Consegues saltar para aqui?

B – Mais pequena! Uma taça mais pequena!

A traz uma taça mais pequena.

B – Melhor ainda! Amarrem-me as mãos!

C – Boa, boa!

A vai buscar uma corda e passa-a a C, que amarra as mãos de B atrás das costas.

B – E ponham água para o efeito ser mais realista!

A cospe para dentro da taça.

A – Já está!

B – É pouco, é pouco! Ponham facas lá dentro!

C – Facas?

B – Sim, facas, picos, pedaços de vidro, objetos cortantes! Para eu me poder cortar todo ao cair! (*enquanto A e C atiram parafusos e outros objetos metálicos para dentro da taça*) Isso! Ainda é pouco!

A – Não temos mais...

B – Fogo, fogo, peguem-me fogo!

C – A tocha humana!

C vai buscar um maçarico de cozinha e acende-o, aproximando a chama de B. D toca ruidosamente. B começa a sentir o calor e tenta fugir. A agarra-lhe as pernas para que não possa descer do escadote.

B – Não, não, esperem! Isso queima! Parem, parem! Estou a ficar com calor! Isto se calhar é perigoso.

Nesse momento entra E. Traz umas calças de ganga, um blusão impermeável vermelho, um capacete de motociclismo debaixo do braço e uma grande caixa de piza numa mão. Pára no limite do “território” de Nióbio. Os niobianos estão totalmente distraídos e não reparam nele.

E – Foi daqui que pediram uma piza? (*irritado*) Foi daqui que pediram uma piza? (*gritando*) FOI DAQUI QUE PEDIRAM UMA PIZA?

Os niobianos param subitamente e vêem E. Ficam chocados com a sua nova aparência. D pega na sua carteira e agita um braço no ar, tentando assinalar que foi ele que pediu a piza. A, B e C aproximam-se de E, observando-o de alto a baixo.

C – Então?

B – Veio sozinho?

A – Não vem ninguém para o casamento?

C – Mudou de ramo outra vez?

B – O que é que aconteceu?

Pausa.

E (*furioso*) – O que é que foi? O que é que foi? Acham que é fácil? Quando parei para fazer a última entrega cortaram-me os pneus, e quem paga a manutenção sou eu. Depois apanhei um trânsito infernal e nunca mais cá chegava. E é que não posso acelerar, se não ainda levo uma queixa e sou eu que pago a multa. O meu colega cortou o escape da vespa para andar mais rápido. Mas é mentira, não anda mais rápido. Só faz mais barulho! E quando cheguei ainda estive a verificar se a piza não tinha nenhum ingrediente que não era suposto. Encontrei três pedaços de ananás e uma azeitona. Sabem o que é que temos de fazer quando isto acontece? Temos de comer os ingredientes que estão a mais! Quer nos apeteça, quer não! Mas aí do cliente se vir um ingrediente que não pediu! E ainda por cima somos obrigados a tirar o capacete cada vez que fazemos uma entrega. E o cabelo fica com este aspeto horrível, nojento! Mas a conduzir não, nunca! É proibido! Mas eu às vezes não aguento... (*pausa melancólica*) Às vezes tiro o capacete, quando ninguém está a olhar, para sentir o vento na cara... Sabe tão bem!

Ele cala-se, triste. Os outros olham para ele, frustrados.

B (*a medo*) – As coisas lá fora estão muito más?

E (*triste*) – Estão horríveis!

A – Lá fora... já ouviram falar de nós?

E – Não...

C – E a banda?

E (*sem perceber*) – A banda?

C (*indicando D*) – A banda não incomoda lá fora?

E – Não...

A – Não incomoda nem um bocadinho?

E – Não.

A retira a caixa de piza das mãos de E, abre-a e pousa-a no chão, sobre a bandeira. Senta-se a cheirar a piza.

C (*frustrado*) – Mas o nosso progresso era bom! Tínhamos vacas e estrelas! Havia futuro! Tínhamos vacas e cães gordos! E as estrelas brilhavam! Nós já fomos uma grande simulação!

B (*triste*) – E agora somos um projeto falhado? (*senta-se junto à piza*)

C (*triste*) – ... não concretizado? (*senta-se junto à piza*)

Os niobianos começam a provar a piza, com um ar desolado. E observa-os, com o papel da conta na mão.

E – Quem é que vai pagar isto?

E olha em volta e vê D parado de carteira na mão. Dirige-se a ele e entrega-lhe a conta. D paga a conta, e fica ver os outros a comer a piza. E entrega-lhe o papel das promoções.

E (*para D*) – Isto é a nossa promoção da semana, se quiser aproveitar no próximo pedido: na compra de uma piza familiar com cinco ou mais ingredientes nós oferecemos ou uma piza média com três ingredientes - desde que não sejam carne picada, camarão ou ananás - ou a sobremesa, que pode ser três iogurtes de aromas ou quatro pastéis de nata quentinhos. Isto é válido para chamadas entre as dezanove e as vinte e uma, todos os dias. Também temos a mega promoção das quartas, em que na compra de duas pizzas médias com três ou mais ingredientes ou uma familiar com seis ingredientes,

oferecemos uma cola de litro e meio e quatro pães de alho. Estas promoções não são acumuláveis.

E sai. A, B e C continuam a comer tristemente, tentando olhar para além dos limites do “território” e ver o que se estará a passar “no Portugal”.

Subitamente, B levanta-se, vai buscar os binóculos, sobe para o escadote e fica a olhar em frente, pelos binóculos.

C – O que é que eles estão a fazer?

B – Estão sentados, todos sentados.

C – Sentados como?

A (*aproximando-se do escadote*) – Mas o que é que estão a fazer?

B – Nada! (*passa os binóculos a A*) Parece que estão à espera, a olhar...

B volta a sentar-se e pega noutra fatia de piza. A sobe ao escadote e observa.

C aproxima-se dele.

A (*chocado*) – Está ali um tipo a dormir! (*volta a olhar, ri-se*) Espera, não estava a dormir, estava a rir-se, só que abriu muito a boca e parecia que estava a dormir.

C – Não está ninguém a abanar os braços?

A (*olhando*) – Não...

B – Ninguém a trabalhar? A produzir coisas?

A (*passando os binóculos a C*) – Não...

Subitamente, D levanta o braço. A, B e C olham para ele, surpreendidos.

D – Já tenho o hino, querem ouvir?

Os niobianos hesitam. A faz sinal a D para que toque, e volta a sentar-se junto à piza. C sobe ao escadote e fica a olhar pelos binóculos. D entoa os primeiros acordes do hino.

B – Quantos são?

C – Muitos!

B – Muitos quantos?

C – Oh, mais de dez.

A (*desgostoso*) – Os gajos são tantos e não fazem nada?

B (*desgostoso*) – Podiam fazer alguma coisa e não fazem nada?

D (*canta*) – “Salvé Nióbio,

Nação excepcional

Pátria de Flávio

Herói fundamental

Da vida sofrida

Que nunca abandonou

Da terra oprimida

Que mães sacrificou!

Por mais ossos partidos,

Por mais sangue a escorrer,

Nióbio é o sítio onde posso viver!”

Os niobianos ficam comovidos. Fazem sinal a D para que se aproxime e oferecem-lhe uma fatia de piza. Ele senta-se a comer.

C volta a sentar-se junto a A e B; os três continuam a comer e a olhar para o horizonte.

B (a medo) – Agora não podemos estragar tudo com uma frase sem sentido.

A, B e C olham uns para os outros. Hesitam em falar. D continua a comer. A luz desaparece.

FIM